



EM DEFESA DO TOMBAMENTO

Defensores do tombamento reivindicam aulas sobre história e importância de Brasília em escolas. Sugerem também realização de campanha para despertar sentimento de valorização da cidade

Educar é preservar

Quando a agressão ao tombamento traz aparente vantagem ao morador, ele procura razões para justificá-la. Mas quando ela se traduz em prejuízos, o brasileiro demonstra ser contrário. As invasões de áreas públicas pelos comércios das entrequadras são um exemplo. O barulho e a disputa por vagas no estacionamento são incômodos dos quais os moradores querem se livrar. A pesquisa do Instituto Soma aponta que 64% dos brasileiros são contra a legalização das invasões de comércio. Levantamento do governo aponta que 52% dos comércios da Asa Norte invadiram áreas públicas.

Como salvar Brasília então? O deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB) defende na Câmara Legislativa projeto de lei que determina às escolas a inclusão

de conteúdos sobre o patrimônio e a história de Brasília no ensino fundamental e médio. “A população adora essa cidade, mas não consegue perceber que essa excelente qualidade de vida é resultado do projeto urbanístico. Precisamos popularizar conceitos, o que é tombamento de Brasília, o significado dos pilotis e o fato histórico que é Brasília”, diz o distrital.

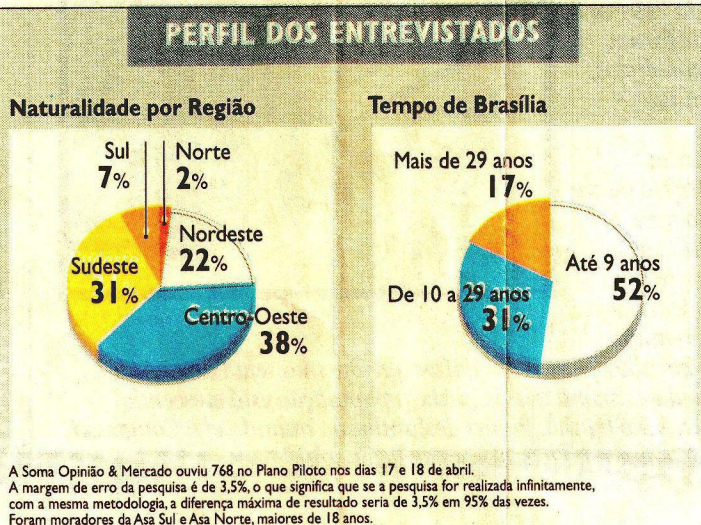
Para os especialistas em tombamento, entender Brasília é o passo inicial para preservá-la. O arquiteto Haroldo Pinheiro, do IAB, acredita nessa fórmula.

“As pessoas gostam de Brasília, mas não a entendem. Ao contrário de outras cidades bagunçadas e que correm atrás de soluções urbanísticas, Brasília surgiu organizada. O problema é que tem morador que gosta dela de forma errada, defende desvios porque desconhece o projeto original.”

“AS PESSOAS GOSTAM DE BRASÍLIA, MAS NÃO A ENTENDEM”

HAROLDO PINHEIRO

Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil



MUMIFICAÇÃO

Um cuidado apenas tem de ser levado em conta na mobilização em favor da preservação de Brasília, segundo o presidente do Sindicato dos Arquitetos de Brasília, Antônio Menezes. “Não podemos defender a mumificação de Brasília. A cidade é muito nova, ainda está sendo construída e não é Ouro Preto”, diz ele. “Se formos radicais de querer a preservação a ferro e fogo, sem admitir alterações que não descaracterizam a concepção urbanística e arquitetônica de Brasília, a população vai ficar contra o tombamento”, acredita o arquiteto.

Haroldo Pinheiro, do IAB, também pensa assim. “Antes de ser patrimônio mundial, Brasília é patrimônio de todos nós. É fundamental conhecer a história e o plano original da cidade para não aceitar sedução como

as coberturas, que significam perda de qualidade de vida em prol do interesse de meia dúzia de empresários”, afirma. Alterações, defende Piheiro, devem ser admitidas, desde que planejadas e justificadas. “Não é necessário violentar a cidade para atender às necessidades sociais com soluções novas, desde que sejam feitas com respeito e amor ético à Brasília.”

Para Briane Bicca, coordenadora de Cultura do Escritório da Unesco no Brasil, os empresários ainda não descobriram a fórmula de explorar positivamente o título de Patrimônio Mundial concedido à capital brasileira. “Isso aqui é uma galinha dos ovos de ouro. Como Brasília é única em todo o mundo, ela vai ser cada vez mais valorizada. O turismo é apenas uma de suas potencialidades. Mas os brasileiros ainda não enxergaram as oportunidades de negócio”, defende. (RA e TR)

